

Sarney pede cautela para que distensão não seja prejudicada

BRASÍLIA (O GLOBO) — Falando ontem em plenário como líder do Governo, José Sarney (Arena—MA) recomendou ~~maior cautela~~ aos que desejam uma alteração radical no quadro Institucional brasileiro, "para que não se provoque uma interrupção no gradual avanço das conquistas já alcançadas, das quais as eleições de 1974 constituem a prova mais evidente".

— Não apertem demais o botão da liberdade que amanehece no País porque se poderá interromper o seu ciclo — advertiu.

Exortou seus companheiros de partido e os parlamentares da Oposição a adotarem como lema a orientação do conselheiro Dantas na campanha da Abolição: "Não parar, não retroceder, não participar".

Respondendo ao discurso que o senador Marcos Freire fez na véspera, em nome da liderança do MDB, que, segundo ele, "pecou pela desatualização e pelo elitismo", o representante maranhense afirmou que ele se esqueceu do povo e dos seus problemas sociais e econômicos, fixando-se exclusivamente no ângulo jurídico da fase Institucional brasileira, sem abordar a visão global do mundo e da tragédia universal".

— O Brasil das aspirações do senador Marcos Freire — declarou — não é a nação de 1976, mas um vale imaginário posto a descansar sob as arcadas do romantismo do século XIX e das Inspirações dos pensadores do século XVIII. Em contraste com esse sonho, ele, no seu pensamento, descreve o Brasil atual como um inferno generalizado de torturas e prisões, e coloca o Congresso, de que faz parte, na faixa dos três "T": tolerado, tutelado e tolhido.

Acrescentou que Freire deixou de mencionar a "convicção profunda da representatividade popular que as eleições livres deram ao Congresso".

— Daí por que — prosseguiu — é criticável a sugestão por ele apresentada para que o presidente do Congresso convoque os mais diversos representantes das camadas sociais a fim de constituir um outro congresso, destinado a apresentar um projeto de alteração constitucional.

José Sarney repeliu com veemência as alegações do senador pernambucano sobre a fraqueza do Congresso.

— A própria sugestão de se constituir um congresso paralelo é que contribuiria para o enfraquecimento do nosso Poder — argumentou.

Liberdade faz a lei

Lembrou Sarney que "não é a lei que faz a liberdade, mas a liberdade que faz a lei". Disse que "não basta ter leis que proclamem letra morta a violência, mas é necessário que se combata a própria violência".

Citando o presidente Geisel, afirmou em seguida que se ele não revogou o AI-5 "não se pode alegar não tenha revogado a violência".

— Sua Excelência — disse — tem procurado conciliar a Nação. Tem procurado o diálogo, tem pedido a compreensão e muitas vezes não tem sido ouvido ou entendido.

Depois de observar que "o comportamento das nações passou a ser baseado nas realidades sociais, econômicas, culturais e políticas de cada povo", observou que "onde existem analfabetismo, latifúndio, oligarquia, miséria urbana e rural não há democracia".

— Os governos da Revolução, com a democratização da saúde, o ensino, o desenvolvimento econômico, as oportunidades de trabalho, a previdência estendida ao campo e generalizada na velhice estão fazendo um trabalho de Infra-estrutura que, sem dúvida, constituirá a base indispensável para uma democracia legítima e duradoura — concluiu.